

VIDA ACADÊMICA

PALAVRAS DE BOAS-VINDAS

DOLOR BARREIRA

*Discurso de recepção a Carlos
de Oliveira Ramos, na Academia*

Senhores:

É letra expressa do art. 19 do Regimento Interno da Academia Cearense de Letras que, verificada a eleição, e proclamado o nôvo acadêmico, o Presidente nomeará, em seguida, um acadêmico, dos já existentes, para fazer o discurso de recepção.

Pois bem: eleito o Dr. Carlos de Oliveira Ramos, na vaga aberta com o falecimento do nosso sempre lembrado Emídio Barbosa — o popularíssimo *Chammarion* —, recaiu sôbre mim, de certo mal inspiradamente, a nomeação para recebê-lo, introduzindo-o à luzida fileira assim por êsse modo lastimavelmente desfalcada.

Não me cabia impugnar a honrosíssima escolha, embora me sentisse, como em verdade me sinto, vergar sob o pêso das responsabilidades que no encargo cometido me contêm.

Daí a razão por que aqui estou, no desempenho do alto mister, com a prontidão com que o soldado disciplinado atende ao apêlo do seu comandante.

Senhores: à solenidade, que ora nos reúne, empresta intensíssimo fulgor o prestígio intelectual do recipiendário.

Sobreilumina-o, todavia, em ofuscantes revérberos, a evocação de dois grandes espíritos, aqui sobrenaturalmente presentes: o de Emídio Barbosa e o de Waldemiro Cavalcante. O primeiro, Dr. Carlos Ramos, o imediato transmitente da herança que, neste momento, recebeis; o segundo, o patrono, o guarda, o nume imortal da cadeira em cuja posse, tão dignamente, vos investis.

* * *

Waldemiro Cavalcante, nascido em Granja, a 26 de janeiro de 1869, e falecido nesta cidade, a 3 de fevereiro de 1914, era uma das expressões exponenciais do Ceará mental da penúltima geração.

“Inteligência onímoda, dotado de uma surpreendente complexidade de aptidões”, o cor-spícuo e desventuroso granjense foi advogado, orador, homem de letras, sem dúvida de apreciável e vigorosa envergadura, tanto que chegou a fazer parte das nossas mais prestigiosas associações literárias: — a *Padaria Espiritual* e a *Academia Cearense*.

Duas notas dominantes, porém, eram de descobrir-se e evidenciar-se nas suas predileções de homem público: — a política e o jornalismo, uma servindo e ajudando a outra, ambas completando-se, num rigoroso e incontrastável equilíbrio. . .

Político, pregou, de corpo e alma, a idéia republicana, ainda nos bancos acadêmicos, em Recife, destemerosa e galhardamente, de Maciel Monteiro e Martins Júnior, sendo, entre os estudantes, “a figura mais em evidência na imprensa e na tribuna popular”. Compôs o primeiro Congresso Constituinte do Estado, onde formou, com Sabino do Monte, Pauleta, Abel Garcia e Oliveira Sobrinho, a comissão encarregada de organizar o projeto da Constituição de 16 de junho de 1891. Ocupou o cargo de Secretário do Interior e da Justiça nas administrações sucessivas de José Clarindo, Benjamin Barroso e Bezerril Fontenele. Fêz oposição violenta e decidida ao governo Nogueira Acióli, enquanto a dolorosa enfermidade que incuravelmente o acometeu não o forçou a abandonar, de todo, a vida pública.

É que “a moléstia cruel o inutilizara para a luta”. De resto — acentuou com amargura Antônio Sales — “foi essa uma das mais

clamorosas injustiças da natureza, que não escolhe suas vítimas e às vezes parece que se obstina em maltratar aquêles que mais podiam servir e honrar a humanidade, ou que melhor ornariam a vida com os primores de sua inteligência, de sua beleza moral e de sua virtude construtora”.

Jornalista, a imprensa parece ter sido a ininterrompida e suprema vocação dessa, na qualificação de Clóvis Beviláqua, “formosa inteligência, cheia de ardores”, acompanhando-o e animando-o na vida, desde o crepúsculo indeciso da infância à noite lóbrega do sepulcro.

De fato, com a idade apenas de onze anos, fundou Waldemiro Cavalcante, na cidade onde viu a luz, um jornalzinho a que deu o nome de — *Ensaio* — como a lembrar os primeiros passos, incertos e titubeantes, no proselcênio do jornalismo . . .

A 9 de junho de 1884, enquanto fazia os estudos de humanidades no “Instituto”, dirigido pelo padre Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, fêz aparecer, nesta cidade, o jornal *Colibri*, literário e crítico, fundado que fôra por êle, juntamente com Luís Brasileiro, fundando, ainda, em 1885, na companhia de Francisco Leocádio, José Olímpio e Júlio Braga, o jornal *Philolitera*, cujo só sugestivo título bastava, eloqüentíssimamente, a mostrar quanto eram amigos das letras seus jovens fundadores.

Através de uma vida acadêmica, que se prolongou de 1866, quando obteve matrícula na Escola de Direito de Pernambuco, até 1891, quando aí se bacharelou, Waldemiro Cavalcante, como que obedecendo à fôrça de uma inclinação irreduzível, escreveu no *Clarim*, órgão do Centro Republicano Acadêmico, e colaborou, sob diversos pseudônimos, no *Norte*, do Recife.

Mais ou menos pelo ano de 1891, dirigiu o *Libertador*, que redigiu com Antônio Sales e Abel Garcia.

Assumiu, outrossim, por algum tempo, a direção d’*A Republicana*, na primeira administração Nogueira Acióli, de 1896 a 1900.

Aberta a luta política contra êsse govêrno, luta em que devotada e resolutamente se empenhou, ao lado de João Brígido e outros combatentes de igual porte, Waldemiro Cavalcante fundou e redigiu o *Jornal do Ceará*, cujo primeiro número apareceu a 16 de março de 1904, sendo da pena do consagrado jornalista o seu artigo de apresentação.

O infeliz idealista — não deixe de consignar-se — escreveu, também, diversos artigos n' *A Pátria*, o primeiro jornal político que apareceu no Ceará ao tempo da primeira República, publicando ainda, no *Diário do Ceará*, surgido, em Fortaleza, a 12 de novembro de 1894, sob a redação de Justiniano de Serpa, Álvaro Mendes, Roberto de Alencar e José Lino da Justa, interessantes escritos, a que deu o título — “Males e Remédios, Pró Ceará” —, com vistas aos Podêres Públicos do Estado.

Como se vê, foi um predestinado da imprensa periódica, a que liberalizou, vida fora, as mais pujantes seivas do seu espírito ardoroso e pugnaz. . .

Homem de letras, no significado restrito da palavra, Waldemiro Cavalcante fêz também a crônica “Os Quinze Dias” — d' *O Pão* ora individualmente, sob a assinatura de *Ivan d' Azof*, seu nome de guerra na Padaria Espiritual, ora em colaboração com Antônio Sales, sob a assinatura de *Ivan & Moacir*.

Conheço dêle, outrossim, dois trabalhos puramente literários: um sôbre Pardal Mallet, em que traceja com mão de mestre o perfil intelectual do grande repúblico, e outro sôbre o livro de versos de Lívio Barreto — *Dolentes* —, e que serviu de bem lançado prólogo.

* * *

Emídio Barbosa, a quem succedeis na Academia, Dr. Carlos Ramos; Emídio Barbosa, filho de Fortaleza, onde nasceu a 13 de maio de 1891, e que o apelido de *Chammarion*, por que acudia, popularizou, era também uma fulgurante cerebração.

Infelizmente, desperdiçador de talento, verdadeiro boêmio das letras, não se demorou em trabalhos duradouros, que lhe assegurassem nesse setor o *veredictum* da posteridade.

Esta, aliás, como me disse a miúdo, nunca o preocupou, no seu aplauso, como no seu desdém, que a um e a outro dava igual importância ou era inteiramente indiferente.

Fêz, entretanto, durante tôda a vida, o mais intenso jornalismo, sempre, porém, sob o irreduzível anonimato, em que lhe aprazia ocultar-se, e no que ainda acentuava a sua indiferença pelos juízos da pseudo-opinião pública, invariavelmente versátil e incerta.

Realmente, *Chammarion* colaborou, ativamente, na *Fôlha do Povo*, que fêz o seu aparecimento em Fortaleza, a 13 de fevereiro de 1912, de que era Diretor Hermenegildo Firmeza e que — porta-voz do Partido Republicano Democrata, — serviu de órgão oficial do govêrno Franco Rabelo. Colaborou, igualmente, no *Jornal do Comércio* publicado, nesta capital, a 3 de abril de 1924 e do qual era redator-chefe Raimundo de Monte Arrais. Colaborou, por fim, n' *O Estado*, na sua primeira fase, labor em que o surpreendeu a morte, a 15 de abril de 1939.

Nas páginas de todos êstes periódicos exuberam e esplendem as mais formosas revelações da sua inteligência peregrina, da sua capacidade de observação, do seu percuciente tino psicológico, da perspicácia e da agudeza com ajuizava dos homens e dos acontecimentos.

No que dizia, falando ou escrevendo, no artigo ou na crônica, sobrelevavam e destacavam-se, sempre: — o pensamento independente, o conceito incisivo, a forma irrepreensível, a tudo envolvendo o *humour*, ora sutil, ora cáustico, que constituía a sua precípua característica.

Emídio Barbosa era, de feito, terrível humorista, da escola de Eça de Queirós, Anatole France e Machado de Assis, que teria podido adotar, como divisa, o dito zombeteiro de Rabelais: “. . . E agora ride! Porque o riso é próprio do homem. . . Et maintenant riez! Car le rire est le propre de l' homme.”

O nosso inesquecível *Chammarion* ria, ria sempre, ria mordazmente, ria de tudo, ria de todos, ria de si próprio. . . Rara a fraqueza, raras as incongruências, raros os ridículos, seus e dos seus semelhantes, que não sofressem do seu riso o implacável cautério. . .

Ajustam-se a êle, à maravilha, êstes dizeres com que Olavo Bilac se referiu a Emílio Rouéde “. . . até a hora da morte, riu de tudo, de todos e de si mesmo. . . O riso era-lhe fatalidade do temperamento. Muita gente nasce para chorar e para fazer chorar. Rouéde nasceu para rir e fazer rir. Era homem raro e precioso, que só fêz mal a si mesmo, neste mundo cheio de gente má.”

Através das fôlhas do *C.D.B.*, revista ilustrada de crítica, literatura e humorismo, aparecida nesta cidade, a 20 de julho de

1913, o *humour* do russo confrade morto vibra, por tôda parte, em breves mas inclementes gargalhadas.

Troçava em prosa e verso. Os versos traziam sempre esta assinatura: João dos Gatos.

A troça, com que satirizou a *Chafarica* (como então o motejo das ruas chamava a Câmara Municipal de Fortaleza), foi impiedosa, dirigida, ora contra a entidade em si, ora contra cada um dos seus membros:

Casa de Orates, centro de ocultismo,
Onde o orador da Serra pontifica,
Com majestade e nobre "patriotismo",
Como um Deus de canela e de canjica;

Ante a tua grandeza, eu tremo e cismo,
E boquiaberta tôda a gente fica!
O Povo, em seu genial parabolismo,
Já te crismou de "casa da Mãe Chica".

É o despeito fervendo em cada veia!
É a inveja alçando o colo em cada canto!
É a serpe da injustiça que campeia!

Cumpre, porém, a tua alta missão:
— Pois os Licurgos jantam, como eu janto,
E o Godofredo também é cristão.

* * *

Ai! Gostinho!

Este é o São Benedito do Conselho,
De pele negra e de alma muito branca,
Que não agüenta, dos chefões, o relho,
E as safadezas dos mandões desanca.

Se fede a chifre, mete o seu bedelho,
Protesta firme e, assim, fecha a carranca.
Na concessão do Matadouro Velho
Foi "buraco", foi "osso", e foi "retranca".

É o emissário do Círculo caótico
Junto ao grupinho pitoresco e exótico
Que deu aprovação ao "caso vaca".

Agostinho, que é prêto e é bom e é pobre,
Está nomeado — pagamento em cobre —
São Benedito de meia pataca.

* * *

Lira... de prata

Quinto orador e carro de bagagem,
Mostruário vivo do capilotônico,
Surrão recheado de matalotagem
Rei da besteira, rei patusco e crônico!

É do vira-casaca a velha imagem,
Lira sem cordas, de gemer platônico,
A reclamar, na ríspida entrosagem,
Um concêrto, um clister, um caldo, um tônico.

Da bestidade tem completo o curso.
Quando êle tenta vomitar discurso,
Temendo os pingos de tal chafariz,

A Chafarica trêmula e canhestra
Segura logo um urinol na destra,
Enquanto aperta um lenço no nariz.

* * *

Ulisses...

Penélope sagaz traçando a teia
Em que seu gênio fulgurante bóia,
Espera Ulisses, que não se arreceia
Das rijas fôrças que guarnecem Tróia,

Assim Dona Falência, essa sereia,
Com arte e jeito cinzelou a jóia
Que deu ao outro Ulisses pança cheia
E por dez anos garantiu-lhe a "bóia".

Fadado a grande surto, êste Licurgo
Caiu no mundo sem sofrer expurgo,
Mais feliz do que arroz, milho e feijão. . .

Do Chinês tem a côr, tipo e paciência:
— Se a Chafarica, um dia, abrir falência,
Será do Ulisses o maior quinhão.

* * *

De resto, não foi apenas poeta humorista ou satírico o nosso irrequieto *Chammarion*. Fêz também o melhor lirismo, de uma graça e suavidade encantadoras. Que o diga, entre outras, a sua poesia — "O Jasmineiro" —

Por aí vêdes, Dr. Carlos Ramos, como é precioso e abundante o espólio que ora, por meu intermédio, se vos entrega.

Estais, todavia, aparelhado não só para mantê-lo íntegro, como para aumentar-lhe o acervo, com novas e não menos preciosas aquisições.

* * *

Dr. Carlos Ramos: — Como aos vossos antecessores seduziu-vos também o jornalismo, não — diga-se de passagem para honra vossa — o jornalismo político, de vistas estreitas e de horizonte acanhado, mas o jornalismo doutrinário, o jornalismo de idéias, o bom e sadio jornalismo.

É que o jornal, no vosso conceito, outra cousa não pode ser que a majestosa oficina de trabalho intelectual, em que se estudam e debatem os problemas sociais, que de mais perto interessam à vida coletiva, apontando-se ou sugerindo-se os meios que conduzem à sua eficiência e fecunda solução.

Di-lo, sem rebuços, de maneira peremptória, a *Vanguarda*, que, em 1935, galhardamente redigistes, e em cujo segundo nú-

mero está escrito, à guisa de *mot-d'ordre*: "Este jornal não é órgão de nenhuma corrente política. Diário independente, registrará os acontecimentos desenrolados no Estado, comentando-os, quando necessário. *Só temos um objetivo, do qual não nos afastaremos, qualquer que seja a circunstância: — o bem-estar da coletividade cearense.*"

E, se bem o prometestes, melhor o cumpristes, à risca e indefessamente, a palavra emperhada.

É assim que levastes, para os tumultuosos debates daquele periódico, as questões que, mais relevante e vitalmente, importavam, como ainda importam, à coexistência social: *a assistência pública, a mendicância, a vagabundagem, a situação dos menores abandonados e delinquentes, a saúde e a instrução*, que consideráveis (êstes dois últimos) os dois grandes problemas do Ceará.

Atacastes êsses assuntos, combativa e afoitamente, chamando os Podêres do Estado a intervirem na sua urgente e inadiável solução, e — o que é mais — aplaudindo-os entusiasta, nas suas medidas salutareas e exprobrando-os desassombrado, nos seus descertos.

As vossas explanações e análises, através dêsses artigos, tão corajosa e oporturamente lançados, eram, sempre, conceituosos no fundo e precisos no estilo. Nada da ênfase ou dos rebuscamentos tão do gôsto do jornalismo retórico, declamatório e fôfo, que os tempos modernos não comportam.

Do jornalista a vossa transição era fácil e desembaraçada para o monografista e o escritor. E, no nôvo campo, de outras e mais amplas proporções, continuou a preocupar-vos, preponderantemente, o interêsse da coletividade, e volvestes, então, as vossas vistas para o *Direito Social* com que se denomina o direito oposto, na frase de Cesarino Júnior, "ao direito individualista, oriundo da Revolução Francesa, significando a predominância do interêsse coletivo sôbre o individual".

Da galhardia com que vos saístes da prestantíssima empresa são prova inconcussa e concludente os vossos ensaios — *Da Proteção Legal ao Trabalho das Mulheres e dos Menores* — e — *Da Proteção à Maternidade no Direito Operário*.

Abris com estas considerações, impregnadas, sem dúvida, do mais seguro cunho sociológico, o Capítulo II do primeiro traba-

lho, ao qual destes a epígrafe — O PROBLEMA DA CRIANÇA E O PROBLEMA DA MATERNIDADE — : “Aceita a tese intervencionista, conforme acentuamos ao findar o capítulo anterior, claro é que, se a intervenção do Estado se deve fazer sentir em todos os quadrantes em que se exerce a atividade obreira, justificando-se plenamente, com maior soma de razão e mais preponderantes motivos, ela precisa de se efetivar positivamente, de um modo todo especial, quanto à proteção do trabalho dos menores e das mulheres.

“São mesmo razões de ordem biológica e fisiológica... antes que quaisquer razões de ordem social, e existem muitas relevantíssimas, que aconselham e exigem, da parte do Poder Público, um cuidado todo especial, um desvêlo carinhoso, uma proteção quase paternal, ao trabalho da criança e da mulher.

“Se já não se admite nem tolera, nos nossos dias, que o Estado fique indiferente à atividade no campo da indústria, do comércio e da agricultura, do homem adulto, que, não fôsem as contingências sociais inúmeras que o amesquinham e fazem aniquilar, quase, a sua resistência e a sua vontade, ante a força e a vontade do mais forte, estará em condições de se defender hábilmente, como se poderia explicar que cruzasse êle os braços, permanecesse alheio, sem ditar uma regulamentação séria, prudente e inteligente, em face da exploração do trabalho dos menores e das mulheres, pela ganância desmedida dos patrões?”

Depois de advertirdes que “só formando crianças sadias e instruídas, educando-as de corpo e alma, fazendo-as viver e respirar dentro de um ambiente que lhes assegure conforto, decência e bem-estar, poderemos ter a certeza de que estaremos construindo para o porvir e que, neste, conseqüentemente, possuiremos homens aptos e capazes” e que “êsse *desideratum*, tão robre e elevado, só será conseguido se tivermos em conta que a obra de proteção e assistência à criança tem que ser iniciada antes mesmo do seu nascimento”, concluí: “por isso, o problema da criança, indiscutivelmente dos mais complexos que conhecemos, envolve, naturalmente, necessariamente, o problema da maternidade. Não se pode tratar de um, deixando o outro de parte. A eugenia o aconselha”.

Sem dúvida, Dr. Carlos Ramos, tendo em principal mira ainda o bem público, pela imediata aplicação das vossas idéias,

nesses assuntos, fizestes-vos juiz, aqui a princípio, e depois no Rio de Janeiro. De resto, o fato de vos ter investido, no Distrito Federal, nos encargos de juiz da família, sobre constituir insofismável índice das vossas tão conhecidas predileções, habilita-vos a melhor pôr em prática aquelas idéias, nas ocasiões que para isso a tôda hora se vos hão de ser apresentadas e se vos apresentarão.

Em suma: jornalista, escritor e cultor do direito, sois radio-sa expressão de inteligência e de cultura, como Mário Linhares, em expressiva síntese, vos definiu, no discurso com que vos recebeu na qualidade de Delegado da Academia Cæarense de Letras junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, com tais e tão meritórias credenciais, fazeis jus a um lugar no preclaro grêmio, que agora, por entre palmas, vos acolhe.

* * *

Senhores: — Orações acadêmicas de recepção de novos companheiros devem ir pouco além das palavras de boas-vindas — dizia Alberto de Oliveira recebendo a Goulart de Andrade na Academia Brasileira de Letras.

Não penso assim rigorosamente com o aristocrático e olímpico poeta do *Livro de Ema*. Mas de minha parte entendo que êsses discursos não devem alongar-se em demasia, como com êste já vai acontecendo.

Fico, portanto, aqui, fazendo-vos entrega, Dr. Carlos Ramos, da cadeira n.º 40, para que a justiça de vossos novos confrades vos elegeu.

A Academia, entregando-a, por meu intermédio, fiz que sabereis honrar e exaltar o seu nome, onde vos encontrardes, e colaborar para a sua maior prosperidade e o seu maior prestígio, com a vossa inteligência, com a vossa dedicação às letras, com o vosso saber e com o vosso amor à nossa terra.

As nossas boas-vindas.